



## **O Postinho: a geografia de uma amizade imaginária**

Sebastião Cerqueira-Neto<sup>1</sup>  
IFBA/Campus Porto Seguro

Nessas várias andanças pelo Brasil, que a Geografia me proporcionou, parei em vários postinhos para escutar, brincar, beber, comer com os moradores locais; próprio do geógrafo de campo. Mas um postinho me chamou a atenção pela generosidade da sua diversidade cultural e emocional. O mais solidário de todos por onde passei.

Localizado num lugar lindo, perigoso, barulhento e aconchegante. Que contradição! Ele nos coloca próximo ao semiárido, ainda que estejamos geograficamente longe. Ali numa manhã de um sábado tive o encontro com Tinga, Tico, Cadinho, Rica, Tchê. São Indivíduos carregados de características culturais e geográficas tão diversas, cheios de marcas da vida! Em comum carregam, desde jovens, a responsabilidade (ou seria o peso?) de ser a referência familiar. Esses amigos, todos os sábados se encontravam e desencontravam na mesa de número quatro.

Entre goles de cerveja, de água, de uísque e muita comida; comida muitas vezes escassas nas suas infâncias, os cinco amigos improváveis passam grande parte dos seus sábados. Observam os carros, conhecem todas as marcas e os seus defeitos. Os pássaros de ferro já não os assustam mais. Também falam da vida alheia! Suas credenciais são suas histórias de vida, não o sobrenome. Mesmo porque não possuem pedigree.

Tinga conta sobre a sua infância quando engraxava sapatos e vendia abacate na feira de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, encrustada num vale. Gerado por Graça, abençoado por Ana. Pai, só conheceu aos 23 anos! Sumiu do pai como o pai sumiu dele. O último encontro dos dois foi num cemitério. Menino introvertido na infância, se tornou professor. Vive de amores efêmeros! Acho que seus defeitos impedem relações perenes. Até que aparece em sua vida, Pedro! Que entrou em sua mente e no seu coração. Todos os dias se olham e dizem que se amam eternamente. Provavelmente farão uma história diferente entre pai e filho; diferente da história de Tinga e seu pai.

---

<sup>1</sup> Professor e Pesquisador da Geografia no Instituto Federal da Bahia/Campus Porto Seguro. Licenciado em Geografia (UNITINS, 1996). Mestre em Geografia com ênfase em Análise e Planejamento Socioambiental (Universidade Federal de Uberlândia) - Bolsa CNPq Doutor em Geografia com ênfase em Análise Regional (Universidade Federal de Sergipe) - Bolsa CNPq Pós-Doutorado em Antropologia / Estudo de Quilombola no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da (UFBA) - Sem afastamento. Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia HCTE/UFRJ - Sem afastamento. Pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra em Portugal. Bolsa Capes Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa Milton Santos (IFBA/CNPQ). Dedicado ao estudo da dinâmica do Extremo Sul da Bahia. Desenvolve reflexões sobre a revisão de mapas estaduais e municipais; Entende Milton Santos como fundamental para compreender o que se tornou o Brasil e o mundo em que vivemos. Endereço eletrônico: cerqueiraneto.mg@gmail.com

Tico relata com orgulho sobre as suas peripécias de adolescente como interno numa escola no interior da Bahia. Nesse tempo, se sentia um personagem de “Capitães de Areia”. Era o chefinho da gangue. Se tornou um caixeiro viajante que veste blazer importado. Um negro, um negociante, amoroso! Um mentiroso! Disse que iria fechar uma grande venda somente para acompanhar um recém-amigo numa cirurgia de um câncer. Suas emoções fraternal e paternal quando afloradas, são vigorosas. Vê defeitos em sua família, mas sempre acaba colocando todos embaixo de suas “asas”. Viaja! Viaja! Viaja! Mas, sempre volta para a sua Kill, sua última chance de amar até o resto da sua vida. Um amor entre Preto e Branca; e daí? Nunca vi tanta combinação!

Cadinho, com cara de menino bem nascido, fazia questão de dizer que sempre foi um batalhador na capital baiana. Os amigos desconfiam dessa trajetória. Pura maldade! Na infância brincava de correr em volta da Mouraria imaginando ser um castelo medieval; e ele um guerreiro. Entre os amigos do postinho era aquele que por sua vida “perfeita”, sua opinião não serviria de base. Era apenas para irritá-lo! Afinal são todos gozadores da vida. Cadinho passeia por diferentes classes sociais da cidade. Adora uma lancha, mas é no postinho onde ele ancora suas diferentes emoções. Longe de ser um Peri, tem sua doce Ceci! É o mais informatizado de todos. Aos poucos está deixando os algoritmos e se tornando mais humano!

Rica, menino bravo, da terra da cachaça de Minas, é o roceiro da turma. Cheio de provérbios! Somente quem é da roça vai saber como suas metáforas podem ser aplicadas na modernidade em que vivemos, nos mostrando como é o mundo. O seu mineirês é aflorado quando seu rosto fica rosado sobre a ação de uma “tesourinha”. Traz consigo a esperteza da política, mas as vezes dá tapas na mesa. Mineiro é tranquilo, mas “num” leva desaforo não sô! Entende de tudo um pouco, de boi até a graxa do carro. Filho dedicado e um pai incontrolável no seu amor. Mas Lá sempre vai estar esperando “seu” Rica. Talvez, por isso queira cuidar de todos os amigos. Se não fosse a violência da cidade, sua casa não teria muro, nem portão; como seu coração, sempre aberto!

Tchê, é o bonachão da turma. De pouca diplomacia! Pega pesado com todos, mas, sem perder a sua generosidade. Sua posição sobre a vida é, quase, impermeável. Professor avesso ao estudo, pode!? Sempre oferece a mesa uma guloseima “perdida”, um motivo de começar o sábado com bom humor na mesa. Na sua casa, a cozinha é onde ele se encontra. Depois de tantos desencontros na vida, preferiu viver intensamente viajando com suas duas preciosas “meninas”. Seu desejo maior é se tornar europeu e aposentar aos 50 anos. Anda sempre com um manto vermelho, mas acho que ele sempre prefere a direita. E como uma criança acredita que a lenda do Saci Pererê é mundial.

O Roquinho que é o “careta” da turma. Convidou Tinga e Tico para conhecer a Venezuela. Lavador de carros, com curso superior! Era o godera! Rapaz do trecho. Conhecido como “Maguila”, só pelo seu tamanho. Tinha um coração grande, mas um medroso. Sua coragem maior foi abandonar o postinho e se mandar com sua família para o sul do país. Se tornou um visitante no postinho. Hoje ele

Avaretê



pode pagar “uma” para os amigos, mas vive a vida se equilibrando entre fios e pontes. Só não cai porque sua viga principal é de para-Jú!

Uma geografia composta por negros, pardos, brancos, gordos. Todos heteros! Pelo menos na corporeidade e nas histórias amorosas que contam.

Não existem muros no postinho. Quase uma aldeia! Lá aparecem policial roqueiro, químico que combina seu corpo musculoso com a delicadeza de manejar vidros que parecem casca de ovo, e bancário desejando ser banqueiro. Há rosas e índios!

As posições políticas são, quase sempre, antagônicas. Mas, esse antagonismo não pode passar mais do que 30 minutos, senão a cerveja esquenta e a comida esfria. Alguns têm horário para voltar para casa, os casados. Já não têm mais idade nem saúde para tentar outros amores! Dizem ser felizes na prisão de uma fidelidade eterna.

Falam de tudo. Não se preocupam com o politicamente correto. Mas, quem é vinte e quatro horas politicamente correto? Nem nossos políticos são sempre corretos.

No postinho sempre há um tempo para cada manifestação: a alegria e vários sorrisos, na primeira cerveja; o desabafo da vida na vigésima cerveja; o choro depois que a primeira parcial da conta foi paga; o galanteamento quando o sereno começa a cair. E no domingo? Alguém pergunta como foi o sábado? Não. Pois festa ruim só termina no hospital ou na delegacia.

Certamente que a Antropologia poderia explicar essa reunião tão diversa, tão contraditória e recheada de respeito e amor de um pelo outro. Porém, esse cenário se dá por conta da construção geográfica que cada um carrega dentro de si.

Participando honrosamente da mesa desses decanos eu ficava admirado como numa mesma mesa, durante muitas horas, de infinitos sábados, senhores de níveis de instrução, de origem familiar, de situações econômicas tão distintas conseguiam construir um lugar invejado e desejado por muitos. Observam e são observados!

Quando saí daquela cidade fiquei a pensar: o postinho não será eterno. E o que acontecerá com Tinga, Tico, Cadinho, Rica e Tchê quando o postinho não mais existir? Com certeza eles encontrarão outro postinho, pois são retirantes da Venezuela e já acamparam numa tenda lá para as bandas de Minas.

Também é possível que esses indivíduos recheados de contradições e emoções um dia fiquem em casa para sempre. Suas estruturas físicas e psicológicas envelhecerão, assim como os espaços geográficos que frequentaram. Os seus filhos sequer irão conhecer esse lugar! As relações dos seus filhos são construídas nas redes sociais, no chamado ciberespaço. Um espaço construído por grupos



que pensam iguais, portanto, sem diálogo. Muito diferente do postinho onde eles sempre estão discordando um do outro. As discordâncias aumentam a conta da cerveja, e “seu” Queiroz fica feliz!

Para esses velhos amigos o amor fraternal não pode ser pensado apenas como algo abstrato, construído na distância geográfica. Eles necessitam dos seus abraços e dos apertos de mão, bem como o gesto do ate logo. Precisam se tocar, pois é nesse toque que se reconhecem como amigos. Para eles, a amizade precisa de um espaço geográfico concreto onde eles possam despejar toda forma de emoção, pois é no encontro deles que o postinho se tornou um território cultural.

Confesso que não consegui decodificar o Postinho. Seria um lugar de liberdade? De resistência de amigos que talvez não sejam compreendidos pela sociedade? Um espaço para liberar os seus sonhos? Melhor assim! Sem rótulos, sem tipificação! Porque sempre procuramos definir algo?

Provavelmente não encontrarei, nunca mais, Tinga, Tico, Cadinho, Rica e Tchê pois nunca volto para os postinhos de onde saí. O geógrafo geralmente não possui um postinho fixo, pois seu trabalho é dinâmico e dificilmente permite amizade e amores estáticos. E se realmente Chico Xavier estiver certo na existência do NOSSO LAR com certeza nos encontraremos num postinho eterno!

Avareté